

"É na luta que a gente se encontra": o encontro de estudantes de design com os pluriversos indígenas na Escola Superior de Desenho Industrial e no Museu do Índio

Zoy Anastassakis

Professora adjunta da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi/UERJ)

Introdução

Neste artigo, recupero algumas experiências de ensino, pesquisa e extensão ocorridas na Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Esdi/Uerj), recontando histórias do encontro de estudantes da escola com os pluriversos indígenas, na Esdi e no Museu do Índio¹. Por meio dessas histórias, busco encontrar ferramentas descritivas que me permitam ao mesmo tempo contar e dar conta dos afetos (Favret-Saada, 2005) em jogo.

Segundo a noção de afeto proposta por Jeanne Favret Saada (2005) e comentada por Marcio Goldman (2005), aceitar ser afetado pelas situações com que se depara não tem a ver com crença ou emoção que escapa da razão, mas com afeto no sentido do resultado de um processo de se deixar afetar pelas mesmas forças que afetam os demais, permitindo, assim, com que um certo tipo de relação possa se estabelecer. Trata-se, então, de afetos que são suscitados ou revelados em uma experiência vivida da alteridade. Isso não implica em uma identificação automática com as perspectivas dos outros, sendo, senão, o resultado de uma aposta na possibilidade de, ao participar se deixando afetar, colocar seu próprio projeto de conhecimento à prova.

Para pensar com esses afetos, aciono as noções de agenciamento (*agencing*) (Ingold, 2016) e pluriverso (Escobar, 2017; Mignolo, 2013), e as reúno para compor as expressões “pluriversos indígenas” e “agenciamentos pluriversais”. Em referência à ideia zapatista de um mundo em que muitos mundos coexistem, um dos expoentes do pensamento decolonial latino-americano, o argentino Walter Mignolo, define pluriverso como “um mundo emaranhado através e pela matriz colonial de poder, então, ele é um

¹ O Museu do Índio é a única instituição oficial no Brasil exclusivamente dedicada às culturas indígenas. Vinculado à Fundação Nacional do Índio (Funai) e ao Ministério da Justiça, se dedica à preservação e promoção do patrimônio cultural indígena no país. Como tal, realiza projetos de pesquisa e divulgação científica orientados para documentação e comunicação da diversidade existente entre as centenas de grupos indígenas brasileiros. Criado em 1953 pelo antropólogo Darcy Ribeiro, tem sob sua guarda amplo acervo etnográfico e documental. Além de organizar mostras e exposições, o Museu atua na publicação de material didático e paradidático e na documentação das línguas indígenas, bem como na divulgação das culturas indígenas entre professores e estudantes da rede de ensino básico. Para dar conta dessas tarefas, vem engajando designers, dentre eles, alunos e ex-alunos da Esdi.

modo de pensar e entender que reside no entrelaçamento, nas fronteiras” (2013, tradução nossa²).

A partir dessa formulação, com a expressão “pluriversos indígenas” faço referência, então, aos múltiplos modos de pensamento e compreensão constituídos pelos povos originários, em que as noções de entrelaçamento e transformação se apresentam como componentes recorrentes e fundamentais. Já por “agenciamentos pluriversais” nomeio os processos de diferenciação intersticial levados a cabo não por indivíduos ou grupos fechados e determinados, mas, sim, pelos campos de força (Ingold, 2011) conformados nas zonas de fronteira (Fry, Kalantidou, 2015, tradução nossa³) em que ocorrem encontros transformadores como os comentados neste artigo.

Assim como hábito e atencionalidade, agenciamento é um dos princípios que informam a noção de correspondência formulada pelo antropólogo britânico Tim Ingold. Enquanto correspondência “é o processo por meio do qual os seres ou coisas literalmente respondem uns aos outros ao longo do tempo” (Ingold, 2016: 09, tradução nossa⁴), “hábito (mais do que vontade), agenciamento (mais do que agência), e atencionalidade (mais do que intencionalidade)” (*idem*, tradução nossa⁵) são definidos dos seguintes modos: “hábito como ‘fazer experimentando’; agenciamento é um processo em que o ‘eu’ emerge como uma questão; e atenção como um acoplamento ressonante de movimentos simultâneos” (*ibidem*, tradução nossa⁶). Então, “na correspondência dos agenciamentos, não há sujeitos com vontades, nenhum ‘eu’ ou ‘você’ a ser colocado antes de qualquer ação. (...) O agente está dentro do processo da sua ação, dentro do verbo, e não separado dele” (2016: 17, tradução nossa⁷). “Um devir [que] não é nem um nem dois, nem a relação

² No original, “world entangled through and by the colonial matrix of power, then, it is a way of thinking and understanding that dwells in the entanglement, in the borders” (Mignolo, 2013).

³ No original, *borderlands*.

⁴ No original, “is the process by which beings or things literally answer to one another over time” (Ingold, 2016: 09).

⁵ No original, “habit (rather than volition), ‘agencing’ (rather than agency), and attentionality (rather than intentionality)” (Ingold, 2016: 09).

⁶ No original, “habit as ‘doing undergoing’, agencing as a process in which the ‘I’ emerges as a question, and attention as a resonant coupling of concurrent movements” (Ingold, 2016: 09).

⁷ No original, “in the correspondence of agencing, then, there are no volitional subjects, no ‘I’s or ‘you’s to place before any action. (...) The agent is inside the process of his or her action, inside the verb, not separate from it” (Ingold, 2016: 17).

entre os dois, mas o que está entre” (2016: 18, tradução nossa⁸). A essa experiência do intervalo Ingold nomeia de “diferenciação intersticial” (2016: 17, tradução nossa⁹).

O antropólogo colombiano Arturo Escobar propõe “redesenhar o design a partir de dentro e de fora” (2017: 205, tradução nossa¹⁰). A essa proposta, ele associa a expressão “designs para o pluriverso”, que dá título ao livro em que ele formula a noção de design ontológico como um meio para se pensar sobre a transição da hegemonia da ontologia universalista moderna para um pluriverso de configurações socionaturais. “Neste contexto, designs para o pluriverso se torna uma ferramenta para a reimaginação e reconstrução de mundos locais” (idem: 04, tradução nossa¹¹). Advogando por um design autônomo que se afasta de fins comerciais e lucrativos em direção a abordagens mais colaborativas e situadas, Escobar recupera o debate decolonial e a noção de pluriverso, também discutida por Mignolo.

Propondo pluriverso não como um mundo de unidades independentes, mas, sim, como um modo de pensamento e compreensão que habita nos emaranhamento, nas bordas, Mignolo (2013) defende que não se trata, então, de perceber as zonas de fronteira enquanto se habita uma epistemologia territorial fixa, o que implicaria em aceitarmos um pluriverso que estaria em algum lugar por aí, passível de ser observado de fora. Ao contrário, segundo ele, para se acessar um tal modo de pensamento é preciso habitar as bordas. Não passando pela zona de fronteira para observá-la ou descrevê-la, mas permanecendo nela.

Para Escobar, “as zonas de fronteira são espaços estrategicamente importantes para a reconstrução de uma ética e de uma práxis do cuidado em relação ao que deveria ser projetado, e como” (2017: 207, tradução nossa¹²). Citando Fry (2017), ele propõe que “essa deveria ser uma ontologia da reparação de seres e mundos partidos que foram resultado de séculos de projetos desfuturizantes e seus supostos resultados acumulados, o

⁸ No original, “*a becoming [that] is neither one nor two, nor the relation of the two, it is the in-between*” (Ingold, 2016: 18).

⁹ No original, “*interstitial differentiation*” (Ingold, 2016: 17).

¹⁰ No original, “*redesigning design from within and from without*” (Escobar, 2017: 205).

¹¹ No original, “*in this context, designs for the pluriverse becomes a tool for reimagining and reconstructing local worlds*” (Escobar, 2017: 04).

¹² No original, “*the borderlands are strategically important spaces for the reconstruction of an ethics and praxis of care in relation to what ought to be designed, and how*” (Escobar, 2017: 207).

antropoceno (Escobar, 2017: 207, tradução nossa¹³). A seu ver, “aqui reside a possibilidade e a base para a reconstituição do design em, para e do Sul, não como uma rejeição total do design, mas como seleção crítica e inovação local envolvendo a criação de estruturas de cuidado para a Sustentação” (*idem*, tradução nossa¹⁴). Em Escobar (2017), então, a contestação ao design vem acompanhada de um convite à sua reinvenção. Abdicando da ideia de projetar para alguém que não está lá, uma tal prática de design só se realizaria enquanto atenção, encontro, cuidado e cooperação.

Nos termos de Haraway (2016), só nos tornaremos aptos a enfrentar o que nos ameaça se nos tornarmos, também, capazes de nos transformar por meio de estranhas e arriscadas cooperações, que podem assim constituir novos e efetivos coletivos. Reaprendendo como conjugar mundos com conexões parciais, segundo ela, podermos nos tornar capazes de cultivar nossas habilidades de resposta a problemas que, afinal, são novos para todos nós (Haraway 2016: 18). O desafio consiste, então, em “aprender a viver e a morrer bem uns com os outros em um presente turvo” (Haraway 2016: 01, tradução nossa¹⁵). Cultivando juntos essas “artes para viver em um planeta danificado que exige pensamento e ação simpoiéticas” (Haraway 2016: 67, tradução nossa¹⁶), podemos aprender a seguir vivendo em ruínas, e assim edificar arquiteturas simpoiéticas insuspeitadas, que nos permitam prosseguir juntos em diferença.

Esse modo simpoiético de pensar e fazer design não pretende resolver nenhuma crise, nem sequer propõe soluções alternativas. Mas, reivindicando design como uma prática de cooperação, experimentação e transformação, vai nos convidando a recuperar a nossa capacidade de viver e morrer bem com a diferença, e, assim, corresponder, honrando toda experiência que nos importa, não como nossa, mas como experiência que nos anima (Stengers, 2012). Ao fazer essa reivindicação, um tal processo de

¹³ No original, “*this would be an ontology of repair of the broken beings and broken worlds that have resulted from centuries of defuturing designing and their alleged accumulated outcome, the anthropocene*” (Escobar, 2017: 207).

¹⁴ No original, “*herein lies the possibility of, and ground for, the reconstitution of design in, for and from the South, not as a total rejection of design but as critical selection and local innovation involving the creation of structures of care toward the Sustainment*” (Escobar, 2017: 207).

¹⁵ No original, “*learning to live and die well with each other in a thick present*” (Haraway 2016: 01).

¹⁶ No original, “*arts for living on a damaged planet that demand sympoietic thinking and action*” (Haraway 2016: 67).

correspondência de agenciamentos (Ingold, 2016, 2018) vai criando outras presenças, outros modos de resposta, habitação e construção de mundos, em ressurgência.

O encontro de estudantes de design com os pluriversos indígenas na Escola Superior de Desenho Industrial e no Museu do Índio

A Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi) foi fundada em 1962 como uma escola vinculada ao governo do Estado do Rio de Janeiro. Em 1975, foi incorporada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Hoje em dia, a escola conta com aproximadamente quatrocentos alunos de graduação, e cem estudantes de pós-graduação. Desde o início dos anos 2000, 35% de seus alunos de graduação são selecionados por meio da política de cotas. Contudo, nem a Esdi nem a Uerj tiveram participação na formulação dessas medidas, cabendo a ela apenas executá-las. Desde então, recorrentemente, as condições de sua manutenção e continuidade são postas a prova. Vale ressaltar, também, que, apesar de a lei de cotas reservar vagas para “minorias étnicas”, não há um número significativo de estudantes indígenas na Uerj.

No início de 2017, em meio a uma grave crise institucional que pairava sobre a Esdi e a Uerj, fui procurada por duas ex-alunas, que retornavam para a escola como estudantes de pós-graduação para repensar, nas pesquisas, as suas atuações como designers no Museu do Índio. Dentre elas, Simone Mello, responsável por grande parte das mostras e publicações realizadas pelo Museu, onde a ela se reuniram uma série de outros designers, como Priscilla Alves de Moura, que atuava na organização de uma coleção de publicações voltadas a escolas indígenas de diferentes etnias e regiões do país.

A partir da aproximação com as questões lançadas por elas, no Laboratório de Design e Antropologia, grupo de pesquisa coordenado por mim, organizamos uma série de seminários e debates a fim de explorar abordagens alternativas para colaborações entre estudantes de design e artistas e pesquisadores indígenas. O que terminou por resultar na formulação de um projeto de extensão que visa ampliar essas colaborações.

Em paralelo ao projeto “Correspondências”, junto ao Professor Ricardo Artur Carvalho nos aproximamos da direção do Museu, que estava interessada em ampliar o escopo de atuação de designers ali. A partir dessas conversas, propusemos realizar um curso de design nas suas instalações. Com duração de dois semestres letivos, o curso envolveu 40 estudantes de graduação e seis alunos de pós-graduação, que se dedicariam a

pesquisas e projetos a partir da convivência com pesquisadores indígenas e não-indígenas nos espaços do Museu.

Esse curso teve sua primeira etapa realizada ao longo de 15 semanas entre agosto e dezembro de 2017, com dois encontros semanais de quatro horas cada. Em um primeiro momento, nosso objetivo era aproximar os estudantes da instituição e sua equipe, mas também das questões relativas aos povos indígenas no Brasil. Por isso, conversamos não somente com funcionários do Museu, mas com pesquisadores e artistas indígenas, não necessariamente a ele vinculados.

Os alunos também entraram em contato com textos e pesquisas produzidos por antropólogos, e se debruçaram sobre as bases de dados e o acervo do Museu. Como resultado, produziram desenhos, infográficos, um pequeno artigo e um relatório de pesquisa em que especulavam sobre futuros projetos de design que pudessem ser desenvolvidos no próximo semestre letivo, com início em abril de 2018.

Com esses projetos, nosso objetivo não era atender às demandas e necessidades do Museu, o que não deixava de ser uma possibilidade, mas, também, projetar alternativas, ou, até mesmo, contestações, apontando, assim, para outros caminhos possíveis para a comunicação da/na/a partir da instituição. Assim, nos lançamos ao desafio de atuar no Museu, com o Museu, para ou para além do Museu, e, até mesmo, se preciso fosse, contra o Museu.

Aqui, não interessa apresentar os resultados nem os processos de projeto desenvolvidos. Diferentemente, a partir do nosso encontro com os pluriversos indígenas naquele período, o que pretendo é especular sobre rotas de fuga possíveis para as armadilhas colocadas pelo design¹⁷, abrindo caminho para o debate sobre os agenciamentos pluriversais que podem fazer do design uma ferramenta para a transição (Escobar, 2017).

Design é entendido aqui como meio em que são produzidas relações e compartilhados afetos (Favret-Saada, 2005). Portanto, é a qualidade dos afetos e das relações que interessa discutir. Para isso, retomo o debate de Escobar: “como projetar sem instrumentalizar as relações (especialmente sem empurrar ainda mais essas relações em

¹⁷ Ingold (2013), em referência a Vilém Flusser, 1995.

direção a um modo individualizado e objetificante de hierarquia e controle)?” (2017: 214-215, tradução nossa¹⁸).

Agenciamentos pluriversais a caminho da pluriversidade

Em meio aos agenciamentos pluriversais produzidos com o encontro de estudantes da Esdi com os pluriversos indígenas na Esdi e no Museu do Índio, emergem as seguintes questões:

I. Assim como muitos de nós, os estudantes que participaram do curso no Museu do Índio não tinham plena consciência da existência de populações indígenas na contemporaneidade. Afinal, a “História” oficial insiste em apagar as histórias dos povos originários do Brasil, que desde o início do processo de colonização europeia nas Américas vem sendo ininterruptamente massacrados, invisibilizados e silenciados.

Notando o “espanto” de nossos alunos ao perceber a contemporaneidade da presença indígena no Brasil, decidimos investir parte do tempo apresentando materiais que apoiassem sua aproximação com o Museu e com os pesquisadores e artistas indígenas com que travamos contato. Isso nos levou a dedicar mais tempo discutindo textos e conversando do que pensando especificamente em termos de design.

Contudo, após cada um dos encontros e leituras, convidávamos os alunos a devolver visualmente suas apreciações sobre os temas abordados. Assim, com desenhos, colagens, diagramas e infográficos, transformamos a sala de aula em um espaço de discussão. Foi, então, por meio da produção e debate em torno de imagens, que, juntos, fomos nos aproximando não somente dos pluriversos indígenas, mas, também, do pensamento antropológico.

II. Ao perceber a existência dos povos originários no Brasil e a violência que os afeta, eles passaram a questionar suas próprias realidades, percebendo-se diversos e distintamente situados em meio ao conjunto do corpo discente. Em alguns momentos, esse processo se manifestou de modo catártico: discutindo os impasses e as violações de direitos que atingem não somente os indígenas, mas, também, os negros e pobres na Esdi,

¹⁸ No original, “*how to design without instrumentalizing relations (especially without pushing these relations further into an objectifying and individualized mode of hierarchy and control)?*” (Escobar, 2017: 214-215).

na Uerj, e em nosso país, nos deixamos emocionar, terminando por envolver, nos debates, as nossas histórias de vida, bem como nossas dores e sofrimentos.

Em um desses dias, reunidos em torno de uma grande mesa sobre a qual os alunos colocaram autorretratos produzidos a partir da leitura do artigo “Os involuntários da Pátria”, do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro (2017), alguns alunos compartilharam histórias de momentos em que se perceberam como vítimas de discriminação e preconceito sociorracial. Ao contar e ouvir aqueles depoimentos, muitos de nós chorávamos copiosamente. Eu tentava conduzir a sessão para um encerramento, e, mesmo profundamente emocionada, me empenhava em apoiar os alunos que se abriam de um modo que eu nunca antes presenciara em sala de aula.

III. Descobrimos que eram distintos entre si e, sobretudo, diferentes do ideal de estudante de design historicamente forjado naquela escola, os alunos terminaram por debater sobre o desejo e a necessidade de atuar profissionalmente de outros modos, como designers que correspondem (Ingold, 2016) às questões que afetam (Favret-Saada, 2005) a eles e àqueles para quem ou com quem eles interagem.

Nesse ínterim, é preciso salientar que, assim como a Esdi, em 2016, no contexto pós-golpe de Estado que depôs a então Presidente da República, Dilma Rousseff, o Museu do Índio se encontrava em situação de enorme fragilidade. Com o desmonte de uma série de políticas sociais no país, e o fortalecimento de grupos ligados ao agronegócio e à exploração predatória de recursos naturais junto às esferas decisórias do governo federal, fenômeno que antecede em muito o próprio golpe, a defesa e salvaguarda dos povos indígenas e sua cultura encontrava-se cada vez mais ameaçada.

Logo, naquele momento, atuar como alunos da Esdi no Museu implicava também em uma associação ao movimento de resistência dessas duas instituições. Mas, é preciso salientar, e nós estávamos conscientes disso, atuar no museu não é a mesma coisa que agir com ou em prol dos povos indígenas. Assim, considerar qualquer projeto de design naquela situação passou a implicar também em avaliações críticas sobre as condições, os limites e as possibilidades de uma atuação profissional em design que fosse engajada e comprometida não somente com instituições, mas, sobretudo, com as questões de interesse (Latour, 2004) que afetam aqueles para e com quem se projeta.

Não buscando atender a demandas, nem tampouco praticar design em termos comerciais, nos aproximamos da noção de design ontológico formulada por Escobar (2017), que defende design como um meio para se pensar sobre a transição da hegemonia da ontologia universalista moderna para um pluriverso de configurações socionaturais. Nesse sentido, uma ferramenta para a reimaginação e reconstrução de outros mundos possíveis.

Ao considerar as possibilidades de projeto, percebemos que não havia como escapar ao debate sobre as implicações éticas e políticas da prática de design. A quem e ao que respondem os designers com as alternativas por eles levantadas? A quem e ao que cada um deles estaria correspondendo, ao optar por uma determinada possibilidade de projeto? Vale a pena pensar em termos de design quando se trata de enfrentar “as lutas por autonomia entre as comunidades e coletivos?” (Escobar, 2017: 213, tradução nossa¹⁹).

IV. Ao abrir tempo e espaço para debater essas questões, terminamos por provocar uma espécie de suspensão nas expectativas do Museu, que esperava receber, de nossa parte, menos perguntas, e mais respostas. Ao nos permitir suspender a necessidade de resposta na forma de projetos de design, colocando novas questões a cada encontro com a equipe do Museu, abrimos espaço para a possibilidade de transformação de nossos modos de atuar como designers e, complementarmente, para a alteração dos papéis do design naquela instituição.

Aos funcionários do Museu, familiarizados com a presença de designers, lançamos outros convites, não tanto para organizar e apresentar conteúdos reunidos por eles, mas, sobretudo, para que, juntos, especulássemos sobre o que pode um grupo de designers fazer em um museu como aquele. Ao provocar esse deslocamento, estávamos todos experimentando fazer design nas bordas (Fry, Kalantidou, 2015), no limite, transgredindo barreiras e normas instituídas no campo. Buscando escapar às armadilhas colocadas pelo design, questionamos a crença moderna e eurocentrada que percebe design como salvador da pátria, para assumir uma abordagem pluriversal em que “design

¹⁹ No original, “*struggles for autonomy by communities and collectives*” (Escobar, 2017: 213).

não transforma o mundo, em vez disso, é parte de um mundo em transformação” (Gatt, Ingold, 2013: 146, tradução nossa²⁰).

Em meio a esse processo de tantas transformações, nos aproximamos dos artistas e pesquisadores indígenas Alberto Álvares, Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Francy Fontes, Ibã Sales Huni Kuin, Inê Kuikuro, Jaider Esbell, Sandra Benites, e Wally Kamayurá, que em diversas ocasiões estiveram conosco na Esdi e no Museu do Índio. Com o projeto “Correspondências”, pretendemos dar prosseguimento a esses encontros, ampliando as alianças e os afetos.

Ao mesmo tempo, ainda em 2018, recebemos na Esdi Maria Eni Moreira, Makota Arrungindala, e seu companheiro, Luiz Ângelo da Silva, Ogã Bangbala, com quem a estudante de doutorado Ilana Paterman Brasil realizou um conjunto de filmes. Naquela ocasião, Ilana apresentou sua última colaboração (Brasil, Anastassakis, 2018), um filme animado a partir do registro videográfico das danças de orixá performadas por Arrungindala, que, além de dançar ao som dos atabaques tocados por Bangbala, ali narrava sua difícil história de vida. Como nunca acontecera antes na Esdi, o auditório ficou lotado com uma plateia em que se misturavam alunos, professores e o povo de terreiro que vinha prestigiar essas duas importantes figuras do Candomblé no Rio de Janeiro. Ao final da sessão, os atabaques ocuparam a sala com música, e dali saiu um cortejo a que se reuniu o coletivo percussivo “Baque Mulher”.

Alguns meses antes, foi o Professor Ibã Sales Huni Kuin quem nos convidou a cantar e dançar nos espaços da escola. Em três momentos distintos, entre 2016 e 2017, o fundador do Movimento dos Artistas Huni Kuin (Mahku) ministrou oficinas de canto, desenho e pintura, nos convidando a mergulhar na cosmologia Huni Kuin, em que a produção de imagens guiadas pelo canto é um conhecimento ancestral transmitido a esse povo pela jiboia. Nessas ocasiões, levados pelo canto de Ibã, vários dos participantes entraram em miração, como dizem os Huni Kuin, vislumbrando, por meio da música, caminhos que levam ao pluriverso.

²⁰ No original, “*design does not transform the world, it is rather part of the world transforming itself*” (Gatt, Ingold, 2013: 146).

Considerações finais

Por meio da produção dos afetos (Favret-Saada, 2005), alianças (Stengers, 2012) e agenciamentos (Ingold, 2016) pluriversais (Mignolo, 2013; Escobar, 2017) que tiveram ensejo em meio ao encontro de estudantes de design da Esdi com os pluriversos indígenas, acredito ser possível especular, também, sobre a possibilidade de transformação da universidade em pluriversidade (Mignolo, 2013), e do design em uma ferramenta de transição (Escobar, 2017) entre a hegemonia da ontologia universalista moderna e o pluriverso de configurações socionaturais em que, juntos em nossas diferenças (Haraway, 2016), possamos imaginar e reconstruir mundos, que, como diz o samba da Mangueira, não estão no retrato.

Agradecimentos

Agradeço imensamente a Alberto Álvares, Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Francy Fontes, Ibã Sales Huni Kuin, Inê Kuikuro, Jaider Esbell, Sandra Benites e Wally Kamayurá, com quem aprendi tanto; a Idjahure Kadiwel, que lançou as pistas para a formulação do projeto “Correspondências”; a Simone Melo e Priscilla Alves de Moura, por aproximar a Esdi e o Museu do Índio; a Carlos Levinho, Ione Couto e Elena Guimarães, por abrir as portas do Museu do Índio aos alunos da Esdi; a Ricardo Artur Carvalho, parceiro de aventuras na Esdi e no Museu do Índio; a Aparecida Vilaça, pela generosidade em compartilhar com os alunos, em sala de aula, as suas experiências de campo, que nos contam da força de seu encontro com Paletó e os Wari; a Els Lagrou, pelas conversas sobre design, arte, antropologia e os Huni Kuin; a Amilton Matos, pelo empenho que viabilizou as colaborações com o Professor Ibã Sales Huni Kuin; às pesquisadoras e aos pesquisadores do Laboratório de Design e Antropologia, especialmente Giulia Cezini, Ilana Paterman Brasil, Juliá Sá Earp, Marina Siritto, Samia Batista, que fizeram o projeto “Correspondências” acontecer; e a Tim Ingold, que me convidou a atuar como pesquisadora visitante no projeto de pesquisa “*Knowing from the Inside: Anthropology, Art, Architecture and Design*”, coordenado por ele no Departamento de Antropologia, Universidade de Aberdeen, Escócia. Foi nessa ocasião que pude preparar uma primeira versão do relato sobre a parceria entre a Esdi e o Museu do Índio e o projeto “Correspondências”, que resultou em uma comunicação apresentada na conferência “*Art, Materiality and Representation*”, organizada pelo *Royal Anthropological Institute* no *British Museum*, Londres, em maio de 2018. Por fim,

agradeço também aos organizadores do seminário “Lutas indígenas, bem viver e a crise da noção de desenvolvimento” pelas trocas e pela oportunidade de recebermos, na Esdi, as lideranças do povo Nasa, da Colômbia, que nos presentearam com sua gigantesca força! Encontros como esses valem uma vida!

Referências Bibliográficas

Anastassakis, Zoy. “Remaking everything: the clash between Bigfoot, the Termites and other strange miasmic emanations in an old industrial design school”. In: *Vibrant*, vol. 16, 2019 [no prelo].

Anastassakis, Zoy. “How can we correspond to a time of ruins, from within the university? Openings, occupations and resurgences on a Brazilian design school”. In: *Society Space*. Publicado em 07/08/2018. Disponível em: <http://societyandspace.org/2018/08/07/how-can-we-correspond-to-a-time-of-ruins-from-within-the-university-openings-occupations-and-resurgences-on-a-brazilian-design-school/?fbclid=IwAR09cDKpejzfq8uzvh7NEt1VSrbPkWppILD8ORiRuRGbSJbJ-d1k-XEUpc>

Anastassakis, Zoy; Martins, Marcos. "Smoke signals from Brazil". In: *Eye Magazine*, n. 95, vol. 24. Winter 2018. Disponível em: <http://www.eyemagazine.com/feature/article/smoke-signals-from-brazil>

Brasil, Ilana Pateman, Anastassakis, Zoy. “Il faut danser, en dansant. Essai de fabulation speculative”. In: *Multitudes*, v. 70. Paris, Printemps 2018, pp. 202-209.

Escobar, Arturo. *Designs for the pluriverse. Radical Interdependence, Autonomy and the Making of Worlds*. Durham and London: Duke University Press, 2017.

Favret-Saada, Jeanne. “Ser afetado”. In: *Cadernos de Campo*, n. 13. 2005, pp. 154-161.

Fry, Tony; Kalantidou, Eleni. *Design in the borderlands*. London: Routledge, 2015.

Gatt, Caroline; Ingold, Tim. “From description to correspondence: Anthropology in real time”. In: *Design Anthropology: Theory and Practice*, eds. Wendy Gunn, Ton Otto and Rachel Charlotte-Smith. London: Bloomsbury, 2013, pp. 139-158.

Goldman, Marcio. “Jeanne Favret-Saada, os afetos e a etnografia”. In: *Cadernos de Campo*, n. 13. 2005, pp. 149-153.

G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira. *Samba enredo 2019. Histórias para ninar gente grande*. Disponível em: <http://www.mangueira.com.br/carnaval-2019/enredo>. Acessado em 15/04/2019.

Haraway, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham and London: Duke University Press, 2016.

Ingold, Tim. *Anthropology and/as education*. London and New York: Routledge, 2018.

Ingold, Tim. "On human correspondence". In: *Journal of the Royal Anthropological Institute* (N.S.), 23(1), 2016, pp. 9-27.

Ingold, Tim. *Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. London and New York: Routledge, 2013.

Ingold, Tim. *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. London and New York: Routledge, 2011.

Latour, Bruno. "Why has critique run out of steam? From matters of fact to matters of concern". In: *Critical Inquiry - Special issue on the Future of Critique*. v. 30 n°. 2, Winter 2004, pp. 25-248.

Mignolo, Walter. "On pluriversality". In: <http://waltermignolo.com/on-pluriversality/>, Publicado em 20/10/2013. Acessado em 16/04/2019.

Museu do Índio. Link: <http://www.museudoindio.gov.br/>. Acessado em 15/04/2019.

Paolucci, Juliana. *Esdi Aberta: design e (r)existência na Escola Superior de Desenho Industrial*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Design, Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

Stengers, Isabelle. "Reclaiming Animism". In: *E-flux*, Journal #36, 2012. Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/36/61245/reclaiming-animism/> Acessado em 27/03/2019.

Viveiros de Castro, Eduardo. "Os Involuntários da Pátria". In: *Chão da Feira*, Caderno n. 65, Série Intempestiva, 2017.

Disponível em: <http://chaodafeira.com/cadernos/os-involuntarios-da-patria/>